OPINIÃO SOCIALISTA

PSTU

Nº 560
De 16 a 29 de agosto de 2018
Ano 21

(11) 9.4101-1917 PSTU Nacional www.pstu.org.br @pstu Portal do PSTU @pstu_oficial

LIT-QI
Liga Internacional dos Trabalhadores
Quarta Internacional

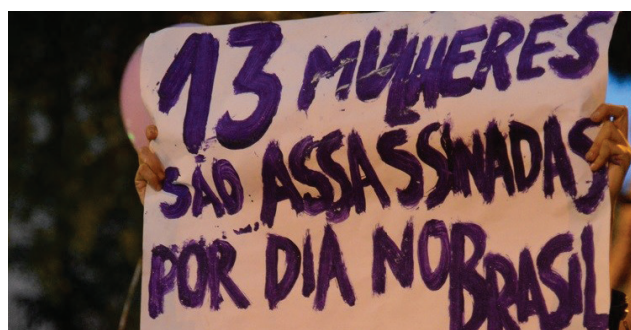
77 MILHÕES SEM TRABALHO

O BRASIL DO DESEMPREGO

SÓ UM PROJETO SOCIALISTA PODE GARANTIR EMPREGO PARA TODOS

12 ANOS DA MARIA DA PENHA

Nada a comemorar no país do feminicídio

Página 7

MARX 200 ANOS

O que a democracia burguesa tem a ver com o capitalismo

Páginas 12 e 13

VERA E HERTZ

Campanha denuncia vice de Bolsonaro no MP por racismo

Página 16

páginadois

CHARGE

Olá, você teria um momento

Para ouvir sobre URSAL?

Falou Besteira

"Temos uma certa herança da indolência, que vem da cultura indígena. E a malandragem é oriunda do africano."

GENERAL DA RESERVA HAMILTON MOURÃO, vide de Bolsonaro.

Cinco meses do assassinato de Marielle

No último dia 14, completou-se cinco meses do assassinato da vereadora Marielle Franco (PSOL-RJ) e de seu motorista Anderson Gomes. Até agora a polícia não apresentou nada de concreto e os assassinos e mandantes seguem livres. A linha de investigação da Polícia Civil relaciona o crime com a atuação das milícias, contudo, as investigações chegam próximos a nomes de políticos tradicionais, que sempre mandaram e desmandaram no Rio de Janeiro. Políticos do MDB, que sempre estiveram na Assembleia Legislativa do Estado (Alerj) e agora estão presos devido a operação Lava Jato, entraram na lista dos suspeitos: Edson Albertassi, Paulo Melo e Jorge Picciani. Este crime não pode ficar impune. Os mandantes e executores tem que receber punição exemplar. Pelo fim da intervenção militar no Rio.

Ministros do STF querem R$ 40 mil de salário

Os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) decidiram reajustar os próprios salários. Os magistrados do STF ganham R$ 33,7 mil por mês. Com o reajuste de 16%, o valor irá a R$ 39 mil. O reajuste precisa ser aprovado pelo Congresso, que tem dezenas de deputados picaretas sendo investigados pelo Supremo. É um escárnio completo que os juízes recebam salários milionários, somados a privilégios como o famoso auxílio-moradia de R$ 4,3 mil, concedido a juízes que, inclusive, possuem imóveis próprios, como é o caso se Sérgio Moro, o paladino da Lava Jato. Hoje, 18 mil magistrados custam R$ 3 bilhões por ano. No Brasil, os juízes pertencem ao 1% mais endinheirado, os que embolsam a partir de R$ 27 mil mensais segundo o IBGE. Enquanto isso, aqui embaixo, a miséria cresce, o desemprego é alto, a renda cai.

O reajuste desse bando de privilegiados mostra, mais uma vez, que a Justiça tem lado, e não é o lado dos trabalhadores e dos pobres.

O Brasil de cabo a rabo

"*Cagalança geral, do prefeito ao secretário*", afirmou, em despacho, um delegado de Natal, Rio Grande do Norte, quando, em plantão, mandou soltar um morador de rua detido por pular o muro de um prédio público para defecar. Em documento curto, porém "vigoroso", como diz o próprio autor, ele critica as autoridades pela condução "*de um inocente até a delegacia*". O delegado perguntou ao morador de rua: "*Você roubou?*" A resposta foi negativa. "*Aí eu fiquei indignado com isso!*", disse o delegado à imprensa. Imediatamente, ele mandou libertar o morador de rua. "*Trata-se de um brasileiro em típico estado de necessidade. Ele não tem casa nem privada onde possa 'arriar o barro', como se diz lá em nós*", anotou na ocorrência.

O delegado Aldo Lopes de Araújo

O delegado completou: "*Trata a presente ocorrência de uma cagalança geral: do prefeito ao secretário, passando pelo diretor do órgão, pelo vigilante de faz-de-conta, pelos membros da Guarda Municipal que conduziram um homem inocente até esta delegacia, e, por que não dizer, da parte deste delegado, ora fazendo uso de linguagem pouco usual, porém vigorosa, para redigir o presente despacho*", escreveu. O delegado Aldo Lopes de Araújo coleciona prêmios de literatura e já foi editor de cultura num jornal de João Pessoa (PB).

Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 – Atividade Principal 91.92-8-00

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb 14.555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Jorge Mendonza

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA **WhatsApp**
Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta
(11) 9.4101-1917
opiniao@pstu.org.br
Av. Nove de Julho, 925, Bela Vista
São Paulo (SP) – CEP 01313-000

OPINIÃO SOCIALISTA
AGORA É GREVE!

NOSSAS SEDES

NACIONAL
Av. 9 de Julho, Nº 925
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01313-000 | Tel. (11) 5581-5776
www.pstu.org.br
www.litci.org
pstu@pstu.org.br

ALAGOAS
MACEIÓ | Tel. (82) 9.8827-8024

AMAPÁ
MACAPÁ | Av. Alexandre Ferreira da Silva, Nº 2054. Novo Horizonte
Tel. (96) 9.9180-5870

AMAZONAS
MANAUS | R. Manicoré, Nº 34. Cachoeirinha. CEP 69065-100
Tel. (92) 9.9114-8251

BAHIA
ALAGOINHAS | R. Dr. João Dantas, Nº 21. Santa Terezinha
Tel. (75) 9.9130-7207
ITABUNA | Tel. (73) 9.9196-6522
(73) 9.8861-3033
SALVADOR | (71) 9.9133-7114
www.facebook.com/pstubahia

CEARÁ
FORTALEZA | Rua Juvenal Galeno, Nº710, Benfica. Tel.: (85) 9772-4701
IGUATU | R. Ésio Amaral, Nº 27. Jardim Iguatu. Tel. (88) 9.9713-0529

DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA | SCS Quadra 6, Bloco A, Ed. Carioca, sala 215, Asa Sul.
Tel. (61) 3226.1016 / (61) 9.8266-0255
(61) 9.9619-3323

ESPÍRITO SANTO
VITÓRIA | Tel. (27) 9.9876-3716
(27) 9.8158-3498
pstuvitoria@gmail.com

GOIÁS
GOIÂNIA | Tel. (62) 3278.2251
(62) 9.9977-7358

MARANHÃO
SÃO LUÍS | R. dos Prazeres, Nº 379. Centro
(98) 9.8847-4701

MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE | R. Brasilândia, Nº 581 Bairro Tiradentes.
Tel. (67) 9.9989-2345 / (67) 9.9213-8528
TRÊS LAGOAS | R. Paranaíba, Nº 2350. Primaveril
Tel. (67) 3521.5864 / (67) 9.9160-3028
(67) 9.8115-1395

MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE | Av. Amazonas, Nº 491, sala 905. Centro.
CEP: 30180-001
Tel. (31) 3879-1817 / (31) 8482-6693
pstubh@gmail.com
CONGONHAS | R. Magalhães Pinto, Nº 26A. Centro.
www.facebook.com/pstucongonhasmg
CONTAGEM | Av. Jose Faria da Rocha, Nº5506. Eldorado
Tel: (31) 2559-0724 / (31) 98482.6693
ITAJUBÁ | R. Renó Junior, Nº 88. Medicina.
Tel. (35) 9.8405-0010
JUIZ DE FORA | Av. Barão do Rio Branco, Nº 1310. Centro (ao lado do Hemominas)
Tel. (32) 9.8412-7554
pstu16juizdefora@gmail.com
MARIANA | R. Monsenhor Horta, Nº 50A, Rosário.
www.facebook.com/pstu.mariana.mg
MONTE CARMELO | Av. Dona Clara, Nº 238, Apto. 01, Sala 3. Centro.
Tel. (34) 9.9935-4265 / (34) 9227.5971
PATROCÍNIO| R. Quintiliano Alves, Nº 575. Centro.
Tel. (34) 3832-4436 / (34) 9.8806-3113
SÃO JOÃO DEL REI | R. Dr. Jorge Bolcherville, Nº 117 A. Matosinhos.
Tel. (32) 8849-4097
pstusjdr@yahoo.com.br
UBERABA | R. Tristão de Castro, Nº127. Centro.
Tel. (34) 3312-5629 / (34) 9.9995-5499
UBERLÂNDIA | R. Prof. Benedito Marra da Fonseca, Nº 558 (frente).
Luizote de Freitas.
Tel. (34) 3214.0858 / (34) 9.9294-4324

PARÁ
BELÉM | Travessa das Mercês, Nº391, Bairro de São Bráz (entre Almirante Barroso e 25 de setembro).

PARAÍBA
JOÃO PESSOA | Av. Apolônio Nobrega, Nº 117. Castelo Branco
Tel. (83) 3243-6016

PARANÁ
CURITIBA | Tel. (44) 9.9828-7874
(41) 9.9823-7555
MARINGÁ | Tel. (41) 9.9951-1604

PERNAMBUCO
REFICE | R. do Sossego, Nº 220, Térreo. Boa Vista. Tel: (81) 3039.2549

PIAUÍ
TERESINA | R. Desembargador Freitas, Nº 1849. Centro. Tel: (86) 9976-1400
www. pstupiaui.blogspot.com

RIO DE JANEIRO
CAMPOS e MACAÉ |
Tel. (22) 9.8143-6171
DUQUE DE CAXIAS | Av. Brigadeiro Lima e Silva, Nº 2048, sala 404. Centro.
Tel. (21) 9.6942-7679
MADUREIRA | Tel. (21) 9.8260-8649
NITERÓI | Av. Amaral Peixoto, Nº 55, sala 1001. Centro. Tel. (21) 9.8249-9991
NOVA FRIBURGO | R. Guarani, Nº 62. Centro. Tel. (22) 9.9795-1616
NOVA IGUAÇU | R. Barros Júnior, Nº 546. Centro. Tel. (21) 9.6942-7679
RIO DE JANEIRO | R. da Lapa, Nº 155. Centro. Tel. (21) 2232.9458
riodejaneiro@pstu.org.br
www.rio.pstu.org.br
SÃO GONÇALO | R. Valdemar José Ribeiro, Nº107, casa 8. Alcântara.
VOLTA REDONDA | R. Neme Felipe, Nº 43, sala 202. Aterrado.
Tel. (24) 9.9816-8304

RIO GRANDE DO NORTE
MOSSORÓ | R. Dr. Amaury, Nº 72. Alto de São Manuel. Tel. (84) 9-8809.4216
NATAL | R. Princesa Isabel, Nº 749. Cidade Alta. Tel. (84) 2020-1290
(84) 9.8783-3547 [Oi]
(84) 9.9801-7130 [Tim]

RIO GRANDE DO SUL
ALVORADA | Tel. (51) 9.9267-8817
CANOAS e VALE DOS SINOS |
Tel. (51) 9871-8965
GRAVATAÍ | Tel. (51) 9.8560-1842
PASSO FUNDO | Av. Presidente Vargas, Nº 432, Sala 20 B. Tel. (54) 9.9993-7180
pstupassofundo16@gmail.com
PORTO ALEGRE | R. Luis Afonso, Nº 743. Cidade Baixa. Tel. (51) 9.9804-7207
pstugaucho.blogspot.com
SANTA CRUZ DO SUL| Tel. (51) 9.9807-1772
SANTA MARIA | (55) 9.9925-1917
pstusm@gmail.com

RONDÔNIA
PORTO-VELHO | Tel: (69) 4141-0033
Cel 699 9238-4576 (whats)
psturondonia@gmail.com

RORAIMA
BOA VISTA | Tel. (95) 9.9169-3557

SANTA CATARINA
BLUMENAU | Tel. (47) 9.8726-4586
CRICIÚMA | Tel. (48) 9.9614-8489
FLORIANÓPOLIS | R. Monsenhor Topp, Nº17, 2º andar. Centro.
Tel: (48) 3225-6831 / (48) 9611-6073
florianopolispstu@gmail.com
JOINVILLE | Tel. (47) 9.9933-0393
pstu.joinville@gmail.com
www.facebook.com/pstujoinville

SÃO PAULO
ABC | R. Odeon, Nº 19. Centro (atrás do Term. Ferrazópolis). Tel. (11) 4317-4216
(11) 9.6733-9936
BAURU | R. 1º de Agosto, Nº 447, sala 503D. Centro. Tel. (14) 9.9107-1272
CAMPINAS | Av. Armando Mário Tozzi, Nº 205. Jd. Metanopolis.
Tel. (19) 9.8270-1377
www.facebook.com/pstucampinas;
www.pstucampinas.org.br
DIADEMA | Rua Alvarenga Peixoto, 15 Jd. Marilene. Tel. (11)942129558
(11)967339936
GUARULHOS | Tel. (11) 9.7437-3871
MARÍLIA| Tel. (14) 9.8808-0372
OSASCO| Tel. (11) 9.9899-2131
SANTOS| R. Silva Jardim, Nº 343, sala 23. Vila Matias.
Tel. (13) 9.8188-8057 / (11) 9.6607-8117
SÃO CARLOS| (16) 3413-8698
SÃO PAULO (Centro)| Praça da Sé, Nº 31. Centro. Tel. (11) 3313-5604
SÃO PAULO (Leste - São Miguel)| R. Henrique de Paula França, Nº 136. São Miguel Paulista
SÃO PAULO (Oeste - Lapa)| R. Alves Branco, Nº 65. Tel. (11) 9.8688.7358
SÃO PAULO (Oeste - Brasilândia)|
R. Paulo Garcia Aquiline, Nº 201.
Tel. (11) 9.5435-6515
SÃO PAULO (Sul - Capão Redondo)| R. Miguel Auza, Nº 59. Tel: (11) 9.4041-2992
SÃO PAULO (Sul - Grajaú)| R. Louis Daquin, Nº 32.
SÃO CARLOS| Tel. (16) 9.9712-7367
S. JOSÉ DO RIO PRETO| Tel. (16) 9.8152-9826
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS| R. Romeu Carnevalli, Nº63, Piso 1. Bela Vista.
(12) 3941-2845 / pstusjc@uol.com.br

SERGIPE
ARACAJU| Travessa Santo Antonio, 226, Centro. CEP 49060-730. Tel. (79) 3251-3530 / (79) 9.9919-5038

ELEIÇÕES 2018

O show antidemocrático da democracia dos ricos

A divisão entre os de cima continua. A maior parte da burguesia (grandes empresários, banqueiros e ruralistas) se definiram por Alckmin. Outra parte apoia Bolsonaro. Há ainda uma parte com Marina, outra com Lula ou com quem ele apoiar e outra com Ciro Gomes.

A campanha eleitoral começa para valer a partir de agora. Ela encontra a maioria do povo e da classe trabalhadora indignada, desanimada. Uma grande percentagem aponta para abstenção, voto nulo e indecisos. Não é para menos. Os governos, até hoje, mantiveram uma desigualdade social indecente, na qual seis bilionários têm a mesma renda que 100 milhões de pessoas.

Os debates na TV têm a participação de apenas 8 dos 13 candidatos à Presidência. Os demais são vetados, entre eles a candidata do PSTU, Vera, a única que defende um programa socialista nestas eleições.

A falta de democracia não para no veto à participação nos debates. A desigualdade está também na divisão do tempo de TV. Enquanto Alckmin (PSDB) terá quase cinco minutos de TV, o MDB, de Temer e Meirelles, e o PT terão quase dois minutos cada. Já Vera, do PSTU, só seis segundos.

O que define tudo é a grana. A coligação de Alckmin vai receber R$ 800 milhões só do fundo eleitoral. O MDB e o PT, R$ 200 milhões cada. Isso não chega nem perto do que os candidatos vão gastar. Meirelles pode botar do próprio bolso R$ 70 milhões. Amoedo, do velho Partido Novo, tem um patrimônio de R$ 425 milhões e disse que vai torrar R$ 7 milhões do bolso. Bolsonaro é outro que não gasta pouco com robôs na internet, viagens e campanha apoiada por ruralistas, donos de redes de lojas, como Flávio Rocha da Riachuelo e o dono da Centauro.

A verdade é que as mudanças na legislação eleitoral foram feitas sob medida por este Congresso corrupto para manter no poder os mesmos que estão aí.

Enquanto temos desemprego recorde e precarização do trabalho, a maioria das candidaturas faz promessas vazias para o povo. Elas estão mesmo comprometidas com o mercado e com suas reformas contra a classe trabalhadora.

Não vamos mudar a vida com eleições de cartas marcadas. Menos ainda com uma nova ditadura. Só podemos mudar tudo que está aí com uma rebelião operária e popular, com um governo e uma democracia nossa, dos de baixo, em que possamos governar em conselhos populares.

A campanha do PSTU estará a serviço da organização dos de baixo e da construção desse projeto. Precisamos que você nos ajude nessa campanha.

EDITORIAL

50 tons de capitalismo dependente

Além de as eleições não servirem para um debate real entre os diferentes projetos para o país e imporem uma enorme desigualdade, a enorme maioria dos candidatos não diz toda a verdade sobre suas propostas para o povo.

Exceto Vera, do PSTU, todas as demais candidaturas apresentam propostas dentro dos limites do sistema capitalista e da atual localização do Brasil na divisão mundial do trabalho, imposta pelos monopólios internacionais e pelos países ricos, com os Estados Unidos à frente.

O Brasil está sendo recolonizado. Vem sofrendo uma desindustrialização relativa, especializando-se na exportação de produtos básicos de baixa tecnologia: produtos agrícolas, da indústria extrativa e energia. Em plena era da nanotecnologia, o Brasil é competitivo em produção de carne. Vende óleo cru e importa derivados. Vende ferro e importa trilho de trem.

De tudo o que o Brasil produz, 70% são controlados por empresas multinacionais que remetem boa parte do lucro que obtêm aqui para fora. Os grandes empresários brasileiros (donos de bancos, indústrias, redes de lojas, meios de comunicação e terras), 31 famílias bilionárias, são sócios-menores das multinacionais. Cada dia vivem mais de rendas dos altos juros da dívida pública.

A nossa classe trabalhadora recebe um dos salários mais baixos do mundo. Hoje, até na indústria nosso salário já é inferior ao da China. O país é a oitava economia do mundo, mas está em 175º lugar em desigualdade social. O saneamento não chega nem à metade da população. Sem falar na saúde e na educação que estão à míngua e cada vez mais privatizadas.

Os candidatos que estão aí, exceto Vera, não dizem como vão garantir emprego, melhores salários, educação e saúde públicas, gratuitas e de qualidade. Pelo contrário, dizem que vão investir mais em tudo isso. Porém nenhum deles diz que vai suspender o pagamento da dívida, que consome 40% do Orçamento, ou que vai proibir que as multinacionais remetam dinheiro para fora, muito menos que vão estatizar e colocar sob controle dos trabalhadores as principais empresas e colocar a economia para funcionar em prol da maioria.

Mesmo com diferenças entre si, os demais candidatos estão entre 50 tons de capitalismo e condicionados pelo sistema. Não terão margem para mudar nada de substancial para os de baixo. Pelo contrário, ao governar no sistema dos de cima, farão o que a crise capitalista exige para aumentar o lucro deles: explorar mais, tirar nossos direitos e entregar o país.

O Brasil precisa de um projeto socialista!

NÃO DÁ PARA REFORMAR O CAPITALISMO

Ciro Gomes e os limites do projeto desenvolvimentista

GUSTAVO MACHADO
DE BELO HORIZONTE (MG)

Desde a queda de Dilma Rousseff (PT), tem se desenvolvido um grande debate no Brasil sobre os caminhos e descaminhos da esquerda. Em especial, a ideia de que, diante do crescimento da direita, seria necessária a unificação da esquerda numa só frente ganhou algum fôlego, sobretudo com o crescimento eleitoral de Jair Bolsonaro.

Apesar desse clamor pela unidade da esquerda, sabemos que ela não se realizou. Temos, de um lado, a candidatura petista de Lula, que, com sua impugnação, deverá transformar-se na dobradinha Fernando Haddad e Manuela D'Ávila (PCdoB). De outro, estão Ciro Gomes (PDT) e Guilherme Boulos (PSOL). Todas essas candidaturas têm um ponto em comum: a defesa do ex-mandato de Dilma e, principalmente, os dois mandatos de Lula. Consideram tais governos como progressivos. A única exceção na esquerda, como sabemos, é Vera Lúcia, do PSTU. É a única candidatura que se mantém na oposição ao PT e defende uma saída socialista para o Brasil, fora das eleições burguesas.

Se isso é assim, porque Ciro, Haddad e Boulos não se unem numa candidatura única? Seriam tais candidaturas iguais? Se são, por que saem em chapas separadas? Na verdade, esses nomes expressam projetos distintos em torno de uma única base: a possibilidade de resolver os problemas do país no interior da democracia burguesa preservando o capitalismo, e não só isso. Esse processo carrega, também, uma estratégia do PT para continuar hegemonizando a esquerda brasileira. Neste artigo, começaremos nossa análise por Ciro Gomes. Na próxima edição do Opinião Socialista, discutiremos o projeto apresentado por Guilherme Boulos.

O PROJETO DE CIRO GOMES

Diferentemente de Lula ou de Haddad, Ciro Gomes não tem atrás de si um partido e um movimento organizado dos trabalhadores. Trata-se de um voo solo que apresenta um projeto para o Brasil. Em que consiste esse projeto? Ciro Gomes acredita que é possível desenvolver o Brasil, transformá-lo num país de ponta e, assim, elevar o nível geral de vida da classe trabalhadora brasileira. Para atingir esse objetivo, ele acredita que o Brasil possui um vilão: o capital bancário e especulativo.

Com as mais elevadas taxas de juros do mundo, o Brasil tem sua riqueza sugada por especuladores nacionais e internacionais. Esse problema é um fato inquestionável. Ano após ano, os recursos nacionais são canalizados para a dívida pública. Metade do Orçamento da União, por exemplo, é gasto no pagamento dos juros e amortização da dívida. Ao mesmo tempo, os trabalhadores se endividam por décadas para adquirir uma casa ou um carro. Quem são os heróis de Ciro Gomes?

Ciro não vê na classe trabalhadora brasileira o agente capaz de mudar essa situação. Seus heróis são os membros da burguesia proprietária das indústrias produtoras de mercadorias: o capital produtivo. Para Ciro, ele mesmo um burguês, o capital bancário, ao sugar as riquezas nacionais, não permite que o capital produtivo se desenvolva. Por isso, ele se alia aos proprietários do agronegócio, da siderurgia, da indústria automobilística e de consumo.

A saída para o Brasil estaria na luta entre um setor da burguesia contra o outro. Por isso, Ciro tem como vice a líder ruralista Kátia Abreu. Antes, tentou que o vice fosse Benjamin Steinbruch, acionista majoritário da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e ex-presidente da Fiesp. Seu grande modelo é a Coreia do Sul, que conseguiu desenvolver uma robusta indústria automobilística puxada pela Hyundai e com subsídios estatais. Nesse sentido, tal projeto diferencia Ciro do projeto social-liberal do PT, cujo centro é garantir a estabilidade da economia com a interferência estatal no sentido de manter o consumo-família. Mas seu projeto pode ser considerado de esquerda?

O desenvolvimento nacional sonhado por Ciro não representaria o fim do neoliberalismo. Apesar das críticas que faz aos especuladores, Ciro já disse que vai pagar a dívida e inclusive antecipar seu pagamento. Orgulha-se de ter tido o maior superávit primário da história quando era ministro da Fazenda em 1994. Critica a reforma da Previdência de Temer, mas diz que vai fazê-la e propõe um modelo de Previdência capitalizada semelhante ao do Chile, que resultou no fim da Previdência pública.

Por outro lado, diz que é necessária uma reforma trabalhista, sem, contudo, que se perca todos os direitos. É favorável à privatização dos serviços de telefonia realizado há duas décadas no Brasil, mas não à venda da Embraer para uma empresa estadunidense como a Boeing.

BURGUESIA BRASILEIRA

Sócios-menores dos capitalistas estrangeiros

As ideias de Ciro Gomes podem até parecer um mal menor diante de outras candidaturas que estão colocadas. Em alguns casos, seu discurso parece até mais radical do que o discurso petista de 2002. Porém seu projeto não é realizável e está condenado ao fracasso desde o início, sobretudo por duas razões.

Em primeiro lugar, o capitalismo atual, na época imperialista, caracteriza-se pela fusão entre o capital bancário e industrial, resultando no capital financeiro. Muitas vezes, os bancos são proprietários diretos ou indiretos das ações das indústrias. Cada grande monopólio industrial possui seu braço bancário. Assim, a CSN de Steinbruch tem como braço financeiro o banco Fibra. Inclusive, o presidente desse banco é sobrinho de Steinbruch.

Quando Ciro declara guerra ao capital especulativo e apoio irrestrito ao setor que produz, ele deve gerar uma profunda crise de identidade nesses setores. Ele quer nos apoiar ou destruir?, pensam.

Além disso, Ciro Gomes despreza a covardia e a subordinação da burguesia brasileira. Ela não tem nenhum interesse em desenvolver o país. Visa apenas garantir retorno financeiro rápido e de pouco risco como sócia-menor do capital internacional.

O caso do PT torna esse processo transparente. O PT não chegou ao poder com o mesmo projeto de Ciro Gomes. Quando chegou ao poder, o PT manteve o pagamento da dívida e o superávit primário. Criou uma série de políticas sociais compensatórias, como o Fome Zero, e, a partir do BNDES, ofereceu generosos empréstimos ao setor privado. A tudo isso, somam-se isenções fiscais a setores da indústria e a programas como Minha Casa, Minha Vida, que financiaram construtoras privadas. Também fomentou toda a agroindústria e os setor de mineração.

Nesse sentido, a política do PT de financiar as chamadas campeãs nacionais resultou no avanço da reprimarização da economia brasileira, ou seja, o país se tornou um mero exportador de produtos agropecuários e produtos de baixa tecnologia ao custo da desindustrialização de outros setores da economia. Tudo isso foi vendido como crescimento, mas seu único papel foi aprofundar a dependência do Brasil.

Ciro Gomes e sua vice, Kátia Abreu, durante lançamento de suas candidaturas.

Essa política econômica também visava evitar crises econômicas do capitalismo, fomentando o que se chama consumo-família: as ditas políticas anticíclicas. O ex-Ministro da Fazenda, Guido Mantega, estudou Marx. Sabia que o capitalismo é constantemente afetado por crises periódicas e violentas. Tais crises normalmente se caracterizam por haver muitas mercadorias para vender, mas poucos com capacidade de comprá-las. Por isso, para ele, o mais importante não era desenvolver a produção de mercadorias como quer Ciro Gomes, mas sim a capacidade de consumo da população para evitar as crises. É exatamente com essa intenção, elevar a capacidade de consumo da população, que surgiu o Bolsa Família e o programa Minha Casa, Minha Vida. Foi exatamente isso que levou a população ao maior endividamento da história. Já Ciro Gomes diz que vai tirar os endividados do SPC...

Como sabemos, tais medidas foram um completo fracasso. Desindustrializado, com uma classe trabalhadora endividada, dependente da venda de matérias-primas, o Brasil sucumbiu à crise econômica em 2012. Dilma pedia desesperadamente para que a população continuasse consumindo e não reservasse seus fundos em poupanças. O desemprego disparou e, com ele, os índices da criminalidade. Começaram a ganhar audiência, no país, toda sorte de alternativas políticas conservadoras e liberais, contanto que se proclamassem antipetistas.

O PT perdeu sua base social, sofreu, contra si, as maiores manifestações de rua em décadas e, com elas, perdeu a confiança da burguesia brasileira. Além disso, a corrupção generalizada, fruto das relações promíscuas entre empresários e governo, veio à tona com a Lava Jato.

As medidas propostas por Ciro Gomes e Guido Mantega, comparadas àquelas defendidas por Henrique Meirelles ou Bolsonaro, podem até parecer um mal menor. No entanto, quando são colocadas em prática e fracassam, o resultado que temos é a desmoralização dos trabalhadores que depositaram neles sua confiança. Além disso, vê-se crescer toda sorte de ideias reacionárias, principalmente entre os setores médios da sociedade.

Mais do que isso, vemos possibilidade de que novas alternativas à esquerda possam substituir as antigas. O fracasso dos projetos reformistas abre a possibilidade de se ganhar uma parcela dos trabalhadores para uma saída revolucionária.

Nesse cenário, é fundamental apresentar aos trabalhadores uma candidatura socialista e revolucionária. Uma candidatura que aponte para a única saída possível para os seus problemas e necessidades. Ou continuaremos a girar em círculos: o fracasso das saídas reformistas leva à ascensão de saídas conservadoras e liberais que, por sua vez, conduz novamente a saídas reformistas. Enquanto isso, todos os direitos e conquistas da classe trabalhadora brasileira vão para o ralo.

REFORMA DO ENSINO MÉDIO

Temer quer privatizar a educação básica

FLÁVIA BISCHAIN
DE SÃO PAULO (SP)

Quem assistiu ao debate dos candidatos à Presidência da República na TV ouviu, mais uma vez, inúmeras promessas de que a educação será prioridade e de que a vida do povo vai melhorar. Geraldo Alckmin (PSDB), que quando foi governador roubou a merenda das crianças, teve a cara de pau de dizer que a escola de São Paulo é um modelo para todo o país. O cinismo e as falsas promessas de sempre. Uma coisa é fato: eles estão realmente de olho na educação básica e sem nenhuma boa intenção.

O interesse cada vez maior dos grandes grupos empresariais e dos governos que os representam na educação básica pode ser facilmente explicado: é mais uma forma de ganharem muito dinheiro. Segundo reportagem do jornal Valor Econômico (11/9/2017), esse mercado já movimenta R$ 67 bilhões por ano no setor privado e tem grande possibilidade de expansão, pois 86% das matrículas do país ainda estão no setor público.

Esse número já ultrapassa a receita líquida do ensino superior (R$ 55 bilhões), que tem 73% das matrículas na rede privada. Não é por acaso que o movimento Todos Pela Educação, cujos principais investidores são bancos e empresas como Gerdau, Itaú e Bradesco, entregou uma proposta exclusiva sobre a educação básica para todos os candidatos. E fez mais.

O Todos pela Educação participou diretamente da elaboração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que propõe uma grande mudança no currículo do Ensino Médio, tornando apenas as disciplinas de português e matemática obrigatórias e reduzindo todas as demais a práticas e estudos dispersos em grandes áreas de conhecimento, os chamados itinerários formativos. A BNCC é parte da concretização da reforma do Ensino Médio, a Lei 13.415/2017, apresentada por Temer como Medida Provisória em 2016.

R$ 2 MILHÕES DE MENTIRAS PARA TE CONVENCER

Veja as mentiras do governo

A CARGA HORÁRIA NÃO VAI AUMENTAR

Temer gastou R$ 2 milhões em propagandas na TV dizendo que a reforma aumentaria a carga horária dos estudantes. Mentira! Apesar de ser mantida praticamente a mesma carga horária de hoje, ela será dividida em duas partes: 1.800 horas do currículo obrigatório e 1.200 da parte flexível do currículo, que pode ser cumprida fora da escola por meio de educação à distância, oficinas e cursos de qualidade duvidosa oferecidos por empresas do ramo educacional e outros.

Não é verdade, portanto, que os alunos passarão mais tempo na escola. A lei permite que até estágios contem como parte do currículo flexível do Ensino Médio. Para desobrigar-se de oferecer educação aos jovens, o governo está substituindo escola por trabalho.

NÃO VAI TER ESCOLHA

A propaganda prometia melhorar a participação dos estudantes, que poderiam escolher o que estudar conforme o seu próprio interesse. Outra mentira. A lei estabelece que cada escola é obrigada a oferecer apenas um único itinerário formativo. O estudante não vai poder escolher cursar o que mais gosta. Terá de aceitar a opção que o governo impuser à sua escola ou, então, terá de mudar de escola, provavelmente deslocando-se para longe de casa. O Brasil possui 3 mil municípios com apenas uma única escola de ensino médio, ou seja, esses jovens não terão nenhuma possibilidade de escolha nem terão muitas opções de cursos e atividades.

QUALIDADE SÓ PARA FILHO DE RICO

Desemprego de professores vai explodir

Ao enxugar o currículo, a BNCC vai causar, de quebra, um desemprego massivo dos professores. Hoje, um professor de Biologia, por exemplo, pode trabalhar em qualquer escola do Ensino Médio. Se a BNCC for aprovada, ele só conseguirá trabalhar naquelas escolas que oferecerem as Ciências da Natureza como itinerário formativo. Além disso, o Ensino de Jovens e Adultos (EJA) poderá ser feito 100% a distância, sem necessidade de contratação de professores.

Para os estudantes, essas mudanças vão significar a deterioração da qualidade e o aumento da desigualdade educacional. Só os mais ricos terão acesso ao conhecimento mais completo com todos os itinerários formativos e atividades diversificadas.

A BNCC, portanto, desobriga o governo de oferecer o conteúdo completo aos alunos e terceiriza uma parte da educação pública para agentes privados. É assim que as escolas serão privatizadas de dentro para fora: transferindo recursos públicos para que as empresas passem a administrar conforme os seus próprios interesses o que hoje é obrigação do Estado.

Não é só uma mudança no currículo. Trata-se, na verdade, de uma redução da escola pública, ou mais, uma tentativa de acabar com ela. Com a BNCC, a escola não será mais obrigatória. Quase metade do aprendizado pode ser adquirido em qualquer outro lugar. O professor também vai deixando de ser necessário.

Nos marcos da reforma trabalhista, a reforma do Ensino Médio permite que o professor seja substituído por um profissional do chamado "notório saber", que provavelmente ganhará um salário ainda mais baixo.

É preciso fortalecer as lutas contra a BNCC e pela anulação imediata da reforma do Ensino Médio. É necessário unificar as lutas construindo uma greve nacional da educação e travar essa luta com toda a classe trabalhadora.

A única forma, porém, de barrar definitivamente os ataques à nossa classe é construindo, por meio de uma revolução, um governo socialista dos trabalhadores, que debata, em assembleias e conselhos nos bairros e nas escolas, o modelo de educação pública que queremos. Só assim, o acesso ao conhecimento produzido socialmente não ficará restrito aos filhos dos ricos.

12 ANOS DA LEI MARIA DA PENHA

Cresce a violência doméstica e os feminicídios no país

ÉRIKA ANDREASSY
DA SECRETARIA DE MULHERES DO PSTU

No início de agosto, mês em que a Lei Maria da Penha completa 12 anos, o país inteiro se chocou com as cenas violentas do professor Luiz Felipe Manvailer agredindo sua esposa, a advogada Tatiane Spitzner. Ela caiu ou foi atirada do quarto andar do edifício em que viviam na cidade de Guarapuava (PR). As imagens que antecederam a morte da jovem são revoltantes. Seus últimos momentos de vida foram captados pelas câmeras de segurança do prédio e do elevador. Mostram ela sendo agredida seguidamente e de maneira covarde. As últimas informações da polícia revelam que ela possivelmente foi asfixiada. Luiz Felipe está preso por suspeita de feminicídio.

A história de Tatiane poderia ser uma exceção, mas infelizmente não é. Casos como esse se repetem diariamente no país, e os números assustam. Em 2016, 4.645 mulheres foram vítimas de feminicídio, número que representa um aumento de 15,3% dos assassinatos de mulheres em uma década. Trata-se de um fenômeno generalizado que pode atacar desde jovens brancas da classe média até jovens negras da periferia. Contudo, o fato é que, assim como os homicídios contra homens tem maior incidência na população negra, pobre e jovem, o mesmo ocorre no caso dos feminicídios.

AUMENTO DO FEMINICÍDIO E IMPUNIDADE

2016	2017
4.645	**10.786**
Mulheres vítimas de feminicídio	Processos de assassinatos de mulheres ficaram sem solução

A IMPUNIDADE ALIMENTA O MACHISMO

Essa situação expõe o machismo e o racismo existente em nossa sociedade, que leva milhares de mulheres à morte todos os anos, a maioria negras. Esse mesmo machismo foi responsável pelo assassinato da operadora de caixa Tauane Morais em junho passado, morta a facadas pelo ex-marido Vinícius Rodrigues. Ele foi detido três dias antes por agredi-la com socos e tentar enforcá-la, mas não permaneceu preso. Segundo o entendimento do juiz do caso, ele não representava risco à mulher.

A impunidade é grande em nosso país. Nos casos de violência contra a mulher, ela é quase a regra. Apesar da Lei Maria da Penha, poucos agressores são punidos pela Justiça. Em 2017, 10.786 processos de assassinatos de mulheres ficaram sem solução, mais que o dobro dos que foram julgados (4.829). No Espírito Santo, metade das mulheres com medidas protetivas sofrem novas agressões.

CLASSE SOCIAL E MACHISMO

Mulher trabalhadora é a maior vítima da violência

É verdade que a violência atinge tanto as mulheres burguesas quanto as mulheres da classe trabalhadora. No entanto, a possibilidade de reagir e se libertar da situação de agressão é diferente para as mulheres trabalhadoras. Muitas vezes, elas dependem financeiramente do homem que as agride por estarem desempregadas ou não terem creche para os filhos e, assim, poder trabalhar.

A crise econômica e os ataques aos direitos da classe trabalhadora também aprofundam a violência, expondo as mulheres trabalhadoras e pobres a mais desemprego, mais precarização e mais miséria. Há falta de investimento em equipamentos públicos para garantir o atendimento às mulheres vítimas de violência, como delegacias com pessoal capacitado e funcionamento 24 horas, sete dias por semana. Não existem serviços de saúde e casas-abrigo para a mulher e seus filhos, bem como a atenção psicológica e social necessária.

Tudo isso torna a lei sem efeito. Sem dinheiro não há lei que possa colocar fim à violência contra a mulher.

FACES DA MESMA MOEDA

O machismo e a exploração capitalista

Os milhares de casos de violência e de morte de mulheres, a impunidade que os cerca, a insuficiência da lei, a desigualdade imposta à mulher em relação ao homem no trabalho e no acesso a direitos, tudo isso é fruto da sociedade em que vivemos. A sociedade capitalista reproduz o machismo, pois se beneficia dele. As diferenças entre mulheres e homens são transformadas em desigualdades para dividir os trabalhadores e fazer com que o capitalismo possa melhor explorar toda a classe trabalhadora. Os menores salários pagos às mulheres, por exemplo, garantem lucros maiores para os capitalistas.

Para que a mulher possa se libertar verdadeiramente e pôr fim a todo o machismo e violência existentes, é necessária a transformação da sociedade num modelo que não se alimente de desigualdades, mas que combata todas as suas formas, uma sociedade socialista.

SEM EMPREGO

Brasil, o país do

RICARDO AYALA
DE SÃO PAULO (SP)

Você que está lendo esta matéria já esteve desempregado, está desempregado ou conhece alguém que está sem emprego. Segundo o IBGE, existem hoje, no Brasil, 64,9 milhões de pessoas fora da força de trabalho, o maior nível na série histórica iniciada em 2012. Para que tenhamos uma ideia desta catástrofe social, um em cada cinco domicílios não tem renda alguma, seja do trabalho formal, seja do informal. A explosão do desemprego também mostra de que a Reforma Trabalhista geraria mais empregos. Na verdade, a Reforma de Temer e o Congresso fez aumentar o desemprego, a exploração e a informalidade do trabalho. A retirar direitos históricos da classe trabalhadora só aumentou os lucros dos patrões.

Agora, nas eleições, os responsáveis por essa desgraça toda, prometem criar empregos a torto e a direito, mas a gente sabe que isso é mais uma mentira dessa corja.

O CAPITALISMO É ASSIM

Precisa do desemprego para lucrar

O desemprego aumentou muito no Brasil desde 2013. Por que isso acontece? Não houve nenhuma catástrofe natural nem guerra. As fábricas continuam existindo. As terras continuam sendo cultivadas, e as colheitas de soja e milho são maiores a cada ano.

Se as condições para produzir riqueza na forma de mercadorias não foram destruídas, qual a razão para a praga do desemprego? Isso é assim porque o sistema capitalista não está preocupado em garantir o bem-estar das pessoas. O que interessa aos empresários é o lucro.

Quando um empresário abre uma fábrica ou uma loja, ele precisa que exista gente sem trabalho para explorar. Se toda a população estiver ocupada, a ampliação dos capitais na forma de novas empresas é impossível ou custa mais caro, pois o empresário deveria pagar um salário maior para atrair trabalhadores.

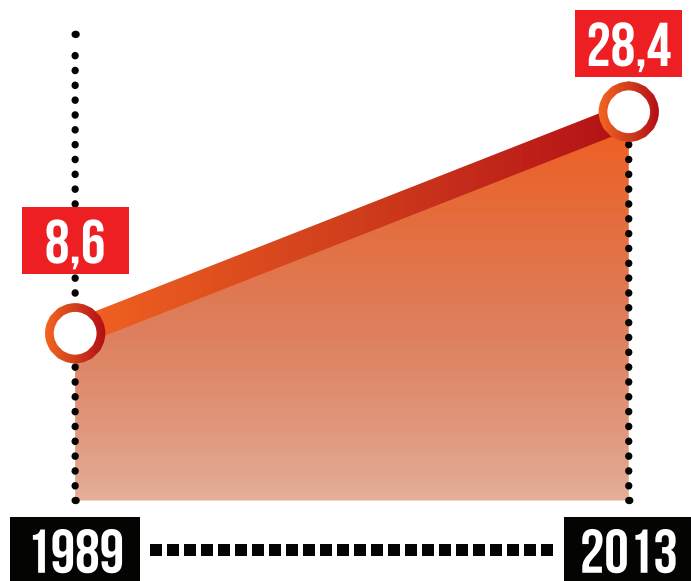
Esse exército de gente sem trabalho (que Marx chamou de exército industrial de reserva) é a chave para a ampliação da produção. Quando faltam trabalhadores, as empresas não podem funcionar e não há lucros.

Isso foi assim na reconstrução da Europa depois da Segunda Guerra Mundial, quando faltavam trabalhadores. Por isso, os países abriram suas portas para os imigrantes. Por esse mesmo motivo, os Estados Unidos foram formados por trabalhadores imigrantes de todo o mundo.

AUMENTA A PRODUTIVIDADE DIMINUI O EMPREGO

ANO	VEÍCULOS PRODUZIDOS	NÚMERO DE TRABALHADORES
1989	1.013.252	118.369
2013	3.736.629	131.595

CARROS PRODUZIDOS POR TRABALHADOR

Ano	Carros por trabalhador
1989	8,6
2013	28,4

FONTE: ANFAVEA

INDO PARA A RESERVA

Quando uma empresa instala uma máquina nova, todo mundo se pergunta quantos trabalhadores serão demitidos. Todo patrão quer produzir mais em menos tempo para obter mais lucro. Nesse jogo, milhões de pessoas saem do campo e vão para o banco de reserva.

O coração do sistema capitalista, a produção industrial, vive um contínuo processo de expulsão de força de trabalho.

Se olharmos a indústria de automóveis no Brasil, poderemos pensar que o emprego cresceu (ver gráfico ao lado). No entanto, pouco mais de 100 mil trabalhadores produziam, em 1989, um milhão de veículos. Já em 2013, 131 mil trabalhadores produziam quase quatro milhões. Isso significa que houve demissões e contratos de trabalho com salários 35% menores.

Se olharmos uma empresa isolada, como a General Motors, veremos como os postos de trabalho diminuíram. Em 2014, cada trabalhador produzia 34 veículos. Em 2017, produziu 36. Assim, a empresa passou de 20 mil trabalhadores para 13 mil no Brasil.

A utilização de robôs e outras inovações tecnológicas tendem a diminuir os postos de trabalho. Quando circulam mais mercadorias produzidas, os trabalhadores expulsos das fábricas encontram trabalho no comércio, no transporte etc. Porém o ritmo de destruição dos postos de trabalho na indústria não acompanha a abertura de vagas nos outros setores, pois a tendência de investir em tecnologia que diminui os postos de trabalho é geral.

O desemprego é próprio do sistema capitalista. Quando circulam mais mercadorias e são gerados mais lucros para os empresários, o desemprego tende a ser menor. Quando os lucros baixam, ele aumenta, embora a capacidade produtiva seja a mesma ou até maior.

REDUÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO

Trabalhar menos para que todos trabalhem

Há uma grande crueldade em toda essa história. Quando uma pessoa passou a fazer o trabalho de outras três, ela passou a trabalhar muito mais do que antes. Aumentou o ritmo de trabalho e a quantidade de horas trabalhadas, porque, com os baixos salários, todo mundo faz hora extra. Isso sem falar no banco de horas.

Podemos mudar isso. Se a jornada de trabalho for reduzida, não haverá razão para demissões nem para redução de salários dos novos contratos. Os trabalhadores teriam tempo para estudar, dedicar-se à família e realizar outras atividades. Defendemos a redução da jornada de trabalho como uma das principais medidas para diminuir o desemprego no país.

Para isso, é necessário enfrentar os empresários. Eles dirão que isso diminuirá os seus lucros. É verdade. Em compensação, milhões de pessoas poderão levar o pão para casa.

desemprego

MAIS DO QUE ESTATÍSTICA

77,5 milhões estão sem emprego ou subempregados no Brasil

Com dados do IBGE, o Instituto Latino-americano de Estudos Socioeconômicos (Ilaese) elaborou uma serie de gráficos que explicam a verdadeira dimensão do desemprego no Brasil.

No final de 2016, tínhamos mais de 166 milhões de pessoas em idade apta para o trabalho. Isso equivale a 81% da população (quadro ao lado).

Quando o IBGE calcula o número de desempregados, considera somente as pessoas que buscaram emprego no momento da pesquisa. Inclui na população ocupada as pessoas que realizam alguma atividade remunerada, mesmo que seja um bico.

Em março de 2018, a população fora da força de trabalho, para o IBGE, era de 64,9 milhões de pessoas, mas isso não diz nada sobre quantos desempregados existem no país. O instituto calcula que o número de desocupados é de 13 milhões.

Se retirarmos os aposentados, que não procuram trabalho e de fato estão fora da força de trabalho, a população fora da idade de trabalhar e os pequenos produtores de subsistência, teríamos em 2016 o quadro abaixo.

Por ele, podemos ter uma ideia do número de trabalhadores com emprego e sem emprego. Ou seja, temos quase 50 milhões de pessoas ou 35% da força de trabalho desempregada.

Além disso, há o subemprego, que pode ser calculado levando em conta os trabalhadores que não contribuem diretamente com a Previdência. No Brasil, mais de 22% dos trabalhadores estão em subempregos (ver gráfico ao lado).

Menos de 38% da força de trabalho se encontra em alguma ocupação formal. Nada mais, nada menos que 77,5 milhões de brasileiros estão sem emprego ou subempregados, contra um total de 46,7 milhões de empregados regulares.

POPULAÇÃO BRASILEIRA

205.500 TOTAL DA POPULAÇÃO

166.371 NA FORÇA DE TRABALHO

102.143 EM IDADE DE TRABALHAR

64.228 FORA DA FORÇA DE TRABALHO

EMPREGADOS, SUBEMPREGADOS E SEM EMPREGOS

(em mil pessoas - 2016)

37,64%
22,24%
40,12%

SUBEMPREGOS 26.610
Trabalhadores que não realizam contribuição previdenciária

SEM EMPREGO 49.818
Pessoas que não trabalham, nem estão aposentadas

ASSALARIADOS 46.739
Trabalhadores formais

2016 (EM MIL PESSOAS)

39.129 POPULAÇÃO FORA DA IDADE PARA TRABALHAR

22.325 APOSENTADOS QUE NÃO TRABALHAM

3.846 TRABALHADORES NA PRODUÇÃO PARA O PRÓPRIO CONSUMO

65.300 Fora da força de trabalho

90.383 POPULAÇÃO INSERIDA NO MERCADO

90.383 População Ocupada

38.058 POPULAÇÃO SEM REMUNERAÇÃO E QUE NÃO PROCURA EMPREGO

11.760 DESEMPREGADOS OFICIAIS

49.818 População Sem emprego

NO BRASIL

Exército de desempregados é o pilar do capitalismo

O que deveria ser uma grande alavanca para o desenvolvimento do país, a existência de 166,4 milhões de pessoas em condições de trabalhar, converte-se numa arma dos empresários para gerar lucros à custa da miséria. No Brasil e na maioria dos países dominados, o tamanho do desemprego e do subemprego se deve ao pouco desenvolvimento da indústria.

O capitalismo surge retirando das pessoas os meios para que elas sobrevivam. Os empresários necessitavam de mão obra livre para explorar. Por isso, expulsaram as pessoas do campo. Ao mesmo tempo, o subdesenvolvimento da indústria não cria empregos na mesma proporção da imigração para as cidades.

Assim, parte da população trabalhadora fica desempregada, vive de bicos ou trabalha como autônomo sem direitos trabalhistas. Ao ter uma grande quantidade de trabalhadores na reserva, os empresários impõem um salário de fome: para que 44,5 milhões recebam menos do que um salário mínimo, deve existir outros 77 milhões de brasileiros no desemprego ou no subemprego.

O grande exército de reserva de mão de obra é um dos pilares do capitalismo brasileiro. É a fonte de lucro mais importante dos empresários, pois permite que paguem um salário de miséria. É por isso que os 5% mais ricos têm o mesmo patrimônio que 95% da população

SEM CHANCE

Não é possível reformar o capitalismo

O homem mais rico do Brasil, Jorge Paulo Lemann, tem uma fortuna de mais de R$ 90 bilhões. É um digno representante da covarde classe dominante brasileira. Suas empresas estão associadas a capitalistas norte-americanos e belgas. O que o Sr. Lemann oferece a esses capitalistas? A garantia de pagar salários de fome e ter altos lucros.

Isso é somente uma parte do problema. No capitalismo, a única forma de gerar empregos, seja no comércio, seja na construção civil, é com uma indústria potente, pois é com a circulação das mercadorias produzidas que se abre lojas, constrói estradas e aumenta os meios de transporte.

O ritmo de criação de empregos industriais no país, contudo, é cada vez menor, porque o país se especializa em exportar soja, milho e minérios. Com cerca de 80% da população concentrada nas cidades, essa especialização não cria empregos urbanos na mesma proporção do crescimento da população. Tampouco altera o tamanho do exército de reserva.

Esse foi o modelo de desenvolvimento usado pelo PSDB e pelo PT. O Brasil importa trilhos de trem da China, que o fabrica com o minério de ferro exportado pelo Brasil, como o da Vale, que foi privatizada em 1997.

O capitalismo brasileiro traçou o limite de sua própria expansão ao concentrar-se nos produtos primários para exportação e ter a indústria controlada pelas multinacionais que remetem, todo ano, bilhões de reais para suas matrizes. Por isso, é impossível reformar o capitalismo.

Banqueiros e grandes empresários continuam ganhando rios de dinheiro. A exclusão de milhões de pessoas da força de trabalho não afeta, no fundamental, os seus lucros. Enquanto eles governarem e traçarem os rumos do país, não há qualquer possibilidade de acabar com desemprego.

PROJETO SOCIALISTA

Medidas de emergência contra o desemprego

Nas eleições, os candidatos que defendem o projeto capitalista não podem reverter essa situação. Eles representam os interesses dos que lucram com essa barbárie social. Uma sociedade que não garante trabalho para quem pode trabalhar está falida, pois o que vale é a lei do salve-se quem puder.

O governo do PT não fez nada para inverter essa situação. Ao contrário, aprofundou a subordinação do país a esse modelo capitalista, que é incapaz de acabar com o desemprego, aliou-se a empresários e banqueiros, não mexeu nos interesses dessa corja de bandidos.

Guilherme Boulos (PSOL) fala da reforma tributária, em taxar as grandes fortunas. Por mais importante que seja fazer a burguesia pagar imposto, isso não atua sobre o problema do desemprego.

Sem atacar os interesses do grande capital nacional e internacional, não se pode gerar empregos. Capitalismo e subordinação andam juntos para essa covarde burguesia que não tem nenhum interesse em acabar com a fonte dos seus lucros.

Os trabalhadores precisam se rebelar para acabar com o desemprego estrutural do país.

PROGRAMA

- **Anulação da reforma trabalhista de Temer e de Dilma**, que retirou direito dos trabalhadores e não criou nem um posto de trabalho.
- **Reduzir a jornada para 36 horas semanais sem reduzir os salários.**
- **Estender o seguro desemprego para dois anos.**
- **Gerar empregos com um plano de obras públicas, investimentos em saneamento básico, escolas, hospitais e moradias**. Esse plano pode ser financiado com o dinheiro que é destinado aos banqueiros em forma de pagamento da dívida pública e com o fim das isenções fiscais às grandes empresas.
- **Proibir a remessa de lucros das multinacionais** que levam bilhões de reais todos os anos. Transformar isso em investimentos e empregos.
- **Reforma agrária e garantia de créditos para a produção** dos alimentos consumidos pela maioria da população.

MUDAR O SISTEMA

No socialismo, não há desemprego

Em carta aos operários de uma fábrica de Petrogrado, em 1918, Lenin dizia que a burguesia tentava minar o poder dos operários após a Revolução Russa, especulando com os preços dos cereais. Enquanto isso, o governo dos trabalhadores lutava para *"realizar o princípio primeiro, básico e fundamental do socialismo: 'quem não trabalha não come'". "Isso compreende qualquer trabalhador que tenha vivido alguma vez do seu salário. Nessa verdade simples, simplicíssima e evidente, está a base do socialismo, a fonte inesgotável da sua força, a garantia indestrutível da sua vitória definitiva"*, explicava Lenin.

Se a sociedade estiver organizada para garantir as necessidades básicas de quem produz toda a riqueza, ou seja, a classe trabalhadora, não precisa existir desemprego. Porém, no capitalismo, o que importa é o lucro dos que não trabalham e vivem do trabalho alheio. Somente um governo dos trabalhadores pode dizer "quem não trabalha, não come", pois está comprometido em acabar com os parasitas da sociedade. Todos e todas que tenham condições de trabalhar e gerar riquezas vão ocupar o seu lugar nessa sociedade socialista.

ARGENTINA

Derrota no Senado não põe fim ao debate sobre aborto

ÉRIKA ANDREASSY
DE BUENOS AIRES (ARG)

A chuva fina e o frio cortante da quarta-feira, 8 de agosto, em Buenos Aires não foram suficientes para espantar as pessoas que lotaram a Avenida de Maio e o entorno do Congresso argentino, onde os senadores debatiam o projeto de lei de legalização do aborto. Ao todo, estima-se que 2 milhões de pessoas compareceram à manifestação. Era um mar de gente, entre movimentos de mulheres, organizações políticas e sociais, entidades de classe. Eram mulheres e homens de todas as idades, em especial a juventude estudantil, com seus lenços verdes, disposição de luta e poder de mobilização impressionantes.

Em junho, o projeto foi aprovado na Câmara de Deputados pela pressão das ruas. Entretanto, dessa vez, o lobby dos setores conservadores, liderados pela Igreja Católica, pelos evangélicos e por altas autoridades do governo Macri, como a vice-presidente Gabriela Mechetti e a governadora de Buenos Aires, Maria Eugenia Vidal, conseguiu barrar o projeto no Senado.

Embora o resultado não tenha sido surpresa, o fato é que a votação em si pelos senadores não encerra o assunto. Pelo contrário, o próprio governo Macri já fala em incluir a descriminalização do aborto na reforma penal que deverá ser apresentada em breve. Não por ser a favor da legalização do aborto, da qual se declara definitivamente contra, mas como forma de responder ao processo de lutas instalado e de tentar canalizar o movimento mantendo o debate no nível institucional.

A arrasadora maré verde em favor da legalização foi capaz não só de mobilizar amplos setores femininos e juvenis, mas, principalmente, de colocar com força na agenda política e social, o tema do aborto, considerado até pouco tempo um enorme tabu. Não por acaso, na véspera da votação, o que mais se ouvia nas ruas, nos meios de comunicação, nas mídias sociais, era pessoas debatendo e expressando suas opiniões sobre o tema. A própria contraofensiva que a Igreja e os conservadores desataram nesses meses para reverter a vitória na Câmara de Deputados é uma expressão de como o debate tomou conta o país.

Delegação da CSP-Conlutas em Buenos Aires, no dia da votação

É PRECISO SEGUIR MOBILIZADAS

A luta pela legalização do aborto não foi derrotada na Argentina, mas deixou evidente que não podemos confiar no parlamento burguês e na via institucional para arrancar nossas conquistas. Muito menos na boa vontade de Macri e de sua base de apoio ou nos setores que hoje estão na oposição. Esses burgueses não estão nem um pouco interessados na sorte de milhares de mulheres trabalhadoras e pobres que morrem ou ficam sequeladas todos os anos vítimas de abortos clandestinos. Caso contrário, o aborto já teria sido legalizado há muito tempo.

Somente nas ruas, pela mobilização, será possível impor a legalização do aborto. De forma algu ma o movimento deve se prender ao calendário parlamentar ou eleitoral, como defendem alguns setores, em especial o reformismo. É fundamental que as mulheres sigam mobilizadas, é hora de voltar às ruas e intensificar a luta pelo aborto legal, seguro e gratuito.

ABORTO LEGAL, SEGURO E GRATUITO JÁ!

É pela vida das mulheres trabalhadoras

O debate que está colocado na Argentina, assim como para a maioria absoluta dos países latino-americanos onde o aborto não é legalizado, incluindo o Brasil, não é sobre ser contra ou a favor do aborto. É sobre o fato de que milhares de mulheres morrem ou sofrem sequelas por se submeterem ao aborto clandestino.

As que se arriscam mais são as mulheres pobres, obrigadas a recorrer ao aborto em condições inseguras por não terem como pagar por assistência médica qualificada como fazem as mulheres ricas. Ainda por cima, elas podem ser presas como criminosas. Aborto é uma questão de saúde pública e não caso de polícia.

Onde o aborto foi legalizado, o número de mortes maternas caiu e a própria quantidade de abortos também foi reduzida. Por isso, quem defende a vida deveria defender a legalização do aborto.

Cabe à mulher decidir o momento de ser mãe. O Estado tem de garantir que ela tenha condições para isso, por meio de educação sexual e contraceptivos, para não engravidar, e aborto legal e seguro para não morrer. Quanto à Igreja, não deve se intrometer.

NO BRASIL

Audiência pública para debater descriminalização

No começo de agosto, o Supremo Tribunal Federal (STF) realizou audiência pública para debater o aborto. As opiniões devem servir de referência para o voto da Ministra Rosa Weber numa ação que tramita há mais de um ano na Justiça brasileira, que defende a descriminalização do aborto até o terceiro mês de gestação. Segundo pesquisa do IBOPE, 65% dos católicos e 59% dos evangélicos acredita que a decisão sobre o aborto deve ser da própria mulher. Os que atribuem o poder de decisão ao marido/parceiro somam 9%. Essa pesquisa demonstra que, ao contrário do que dizem uns poucos fundamentalistas, a maioria das pessoas religiosas não é contra o aborto legal e seguro.

MARX 200 ANOS

As ilusões da democracia burguesa

GUSTAVO MACHADO,
DE BELO HORIZONTE (MG)

Em *O Capital,* Marx não analisa apenas a exploração dos trabalhadores e o mercado. Marx não divide a realidade em uma série de disciplinas separadas, como na escola e na universidade. Temos, nesses casos, uma divisão da atividade humana em vários domínios separados. A Sociologia estuda a atuação do homem na sociedade. A História estuda os feitos humanos ao longo do tempo. A Geografia estuda o espaço e a atuação dos homens nele. A Economia estuda as transações monetárias e financeiras. Separando uma coisa da outra, muitos acreditam que o capitalismo tem um lado bom e um lado mau. O lado negativo é o mercado e a economia. O lado positivo é a democracia, as leis, a liberdade de expressão e o voto. No entanto, para Marx, a democracia não pode ser analisada de forma separada de uma determinada forma de organização da sociedade. Como se relacionam democracia e economia na sociedade capitalista?

DEMOCRACIA GREGA

Marx jamais tentou explicar a democracia por meio da economia. O que ele faz é mostrar como compra e venda de mercadorias com o objetivo de produzir mais-valia se conectam à democracia típica da sociedade capitalista. Por isso, para Marx, não existe democracia no geral, mas formas distintas de democracia ligadas a formas de sociedade. Em suma, o que temos hoje é uma democracia burguesa.

A democracia burguesa é muito diferente, por exemplo, da democracia que surgiu na Grécia antiga. Entre os gregos, tínhamos um grupo de pequenos e grandes proprietários de terra, além de muitos escravos. As decisões importantes ocorriam em assembleia, na qual os gregos votavam diretamente os rumos de cada cidade. Não participavam das assembleias escravos, estrangeiros e mulheres. Por um lado, tínhamos uma democracia direta. Por outro, apenas uma pequena parte da sociedade participava dela. Então a democracia grega seria melhor ou pior que a democracia burguesa? Para Marx, essa pergunta não faz sentido. Não existe um modelo ideal de democracia que usamos como referência para comparar suas distintas formas. A democracia grega corresponde à forma de sociedade grega: escravagista e patriarcal. Mas como a democracia burguesa estaria relacionada ao capitalista?

LIBERDADE, IGUALDADE E PROPRIEDADE

Marx escreve: "[na] *esfera da circulação ou da troca de mercadorias, em cujos limites se move a compra e venda da força de trabalho, é, de fato, um verdadeiro Éden dos direitos inatos do homem. Ela é o reino exclusivo da liberdade, da igualdade, da propriedade."* Temos, assim, os três princípios supremos da sociedade capitalista, os chamados direitos humanos: a liberdade, a igualdade e a propriedade. Esses princípios são a base da democracia burguesa. Qual a relação entre tais princípios e a sociedade baseada na compra e venda de mercadorias?

Em primeiro lugar, é o reino da liberdade, pois cada um é livre para comprar e vender a sua mercadoria de acordo com a sua vontade. Diferentemente da escravidão, cada trabalhador não é obrigado a trabalhar para o mesmo capitalista. Sua entrada numa empresa se baseia na vontade de ambas as partes e tem como resultado um contrato. Em segundo lugar, é o reino da igualdade. Afinal, cada um vende sua mercadoria pelo seu valor, trocando equivalente por equivalente. Daí a reivindicação de muitos trabalhadores pelo salário justo. Ele quer vender sua mercadoria, a força de trabalho, pelo seu valor real. Em terceiro lugar, é o reino da propriedade, *"pois cada um dispõe apenas do que é seu"*. Capitalistas e trabalhadores vendem a mercadoria de sua propriedade. Quem não possui nenhuma propriedade externa, uma indústria ou um pedaço de terra, por exemplo, vende a única mercadoria que possui: a capacidade para realizar um trabalho.

Teríamos, assim, uma sociedade potencialmente justa, baseada nos direitos comuns a todos os seres humanos, tanto capitalistas quanto trabalhadores. Todos esses direitos humanos se fundam, como vimos, na troca de mercadorias. Todos têm liberdade para vender sua mercadoria. Vendem as mercadorias pelo seu valor. Além disso, cada um vende apenas a mercadoria de sua propriedade. Tudo parece caminhar de forma absolutamente harmônica e pacífica, de modo diferente da época da escravidão em que a lei se fazia cumprir pelo chicote.

Porém, quando vemos a ligação entre o conjunto dos elementos da sociedade capitalista, cada um desses princípios sagrados da democracia burguesa se transforma em seu contrário. Novamente, as coisas não são o que parecem ser.

ESTA TAL LIBERDADE...

O que existe é exploração

Se cada um é livre para comprar e vender sua própria mercadoria, o trabalhador pode colocar o preço que quiser em sua mercadoria, a força de trabalho. Da mesma forma, o capitalista pode pagar quanto quiser. Temos uma estranha situação de direito contra direito. Ocorre que, como diz Marx, numa situação como essa, quem decide é a força.

O paraíso dos direitos universais do homem começa a se transformar na luta pelo salário considerado como justo, na luta pela duração da jornada de trabalho dentre muitas outras. Cada um dos lados se apoia no mesmo direito: a liberdade de comprar e vender sua mercadoria pelo seu valor. No entanto, qual o valor da mercadoria força de trabalho? Para regulamentar essa situação o capitalismo será obrigado a legalizar as greves, os sindicatos e os mecanismos de luta da classe trabalhadora. O conflito está instaurado no seio da própria sociedade capitalista e aponta para contradições muito mais violentas. Contudo, não estamos mais falando de relações entre indivíduos, mas entre classes sociais. Quando considerados da perspectiva das classes sociais, todos os princípios sagrados da sociedade burguesa viram às avessas.

Mesmo que cada trabalhador não seja propriedade de nenhum capitalista em particular, ele deve necessariamente vender sua força de trabalhador para algum patrão para sobreviver. Ele não é escravo desse ou daquele patrão, mas é escravo do conjunto da classe patronal: a burguesia. A liberdade é uma aparência produzida pelo fato de o trabalhador individual ter a possibilidade de trocar e escolher, até certo ponto, o patrão. A classe trabalhadora em seu conjunto permanece numa relação de dependência e dominação necessária com a classe capitalista, como o escravo com o senhor. Na escravidão, tratava-se de uma dominação direta de um indivíduo sobre o outro. Agora, trata-se da dominação de uma classe sobre a outra. Assim, é desmascarado o princípio de liberdade.

Da mesma forma, a igualdade se transforma em seu contrário. Não existe igualdade na troca de mercadorias entre trabalhadores e capitalistas porque sequer existe troca. É a classe trabalhadora que produz toda a riqueza da sociedade, tanto aquela parcela que fica com ela na forma de salário quanto a parte que fica com o patrão na forma de mais-valia ou lucro. É a própria classe trabalhadora que paga seu salário. A igualdade se converte no direito da classe capitalista de se apropriar de uma parcela do que o trabalhador produz sem entregar nada em troca.

DOIS LADOS DA MESMA MOEDA

Democracia burguesa e propriedade privada andam de mãos dadas

Da mesma forma, vemos que toda a propriedade do capitalista não foi produto de seu trabalho, não foi produto de seu suor. Na verdade, sua propriedade é produto do trabalho passado da classe trabalhadora, do processo de exploração repetido dez, cem, mil vezes ao longo dos anos. Por isso, Marx explica que *"a propriedade aparece do lado do capitalista, como direito a apropriar-se de trabalho alheio não pago ou de seu produto; do lado do trabalhador, como impossibilidade de apropriar-se de seu próprio produto"*.

Como se vê, tudo muda quando consideramos a conexão entre as classes sociais na sociedade capitalista e não apenas a relação entre este e aquele indivíduo. A liberdade entre indivíduos no capitalismo se converte em escravidão de uma classe social sobre a outra. A igualdade entre indivíduos se converte em exploração de uma classe sobre a outra. O direito à propriedade individual se converte no direito de uma classe de se apropriar do trabalhado alheio. As leis do capitalismo dizem respeito apenas aos direitos individuais e ocultam seu verdadeiro conteúdo: a exploração e a luta de classes.

Isso ocorre porque, na sociedade, não vemos diretamente relações entre classes sociais, mas entre pessoas isoladas. Todas as relações sociais estão ocultas pela mediação das mercadorias e do dinheiro. Por isso, defender a radicalização da democracia é o mesmo que defender a radicalização do capitalismo. Capitalismo e democracia burguesa andam de mãos dadas e são, no fim das contas, apenas dois lados da mesma moeda.

A democracia burguesa é o sistema preferencial para a burguesia para acumular capital, bem como a compra e venda generalizada de mercadorias. Mas não é o único. Como nos ensina a História, diante da ameaça de perder o poder político e a necessidade de intensificar a exploração, o capitalismo pode usar outros tipos de regime, como fascismo, ditadura e monarquias.

A democracia burguesa pode até ser alterada nesse ou naquele detalhe, mas as bases devem permanecer as mesmas para que o capitalismo continue a existir. Fica claro, então, que *"revoluções não se fazem por meio de leis"*. Para alterar a atual situação da classe trabalhadora, não é suficiente mudar as leis e atuar no interior da democracia burguesa. É necessário destruir a forma de sociedade capitalista e a democracia que lhe corresponde.

A história por trás de "Bella ciao"

WILSON HONÓRIO SILVA
DA SECRETARIA NACIONAL DE FORMAÇÃO DO PSTU

A música "Bella ciao" ("Querida, adeus", na tradução livre) voltou a ser cantarolada mundo afora. Essa é uma história das mais tortuosas. A canção original marcou a luta pelo socialismo e contra a opressão fascista, mas muitos não conhecem essa história, sequer conhecem sua origem.

DE "LA CASA DE PAPEL" AO FUNK

A música voltou a se popularizar em maio de 2017 com a estreia da série espanhola "La casa de papel", exibida pela Netflix, que gira em torno de um assalto à Casa da Moeda da Espanha. Na série, a música é interpretada pela engajada Banda Bassoti, numa versão ska punk (mistura de ritmos caribenhos, principalmente da Jamaica, com blues, jazz, rock e batida punk).

A escolha da banda e de sua versão foi feita a dedo. Bassotti é um grupo italiano que tem como lema a frase "Gritem alto: não ao fascismo, não ao racismo" e é formado por ex-trabalhadores da construção civil.

Desde o início dos anos 1980, a banda tem se colocado a serviço das lutas dos povos da Palestina, do País Basco e da América Central, com suas próprias composições e versões dos clássicos das canções de protesto. Vale conferir a versão de "Bandiera Rossa", também conhecida na versão espanhola "Bandera Roja", transformada num dos hinos da Revolução Espanhola nos anos 1930.

MC MM, autor da música

Foi assistindo à série que MC MM e o DJ RD (o paulista Márcio Rezende e o carioca Rodolfo Marcial respectivamente) compuseram a versão funk intitulada "Só quer Vrau". Lançada em abril passado, rapidinho ganhou as ruas, chegando ao primeiro lugar no aplicativo de música Spotify. É uma versão totalmente misógina, ou seja, cheia de sexismo, machismo e desprezo às mulheres.

Segundo o autor, a música foi composta em meia hora, sem que ele soubesse de sua origem. Quando soube, declarou: *"Vi que por trás da música tinha história. A gente vive hoje nas comunidades tudo isso que eles passaram anos atrás: lutavam pela liberdade, e o funk luta pela liberdade de expressão"* (Folha de S. Paulo, 6/5/2018).

Depois disso, novas paródias da música chegaram aos jogos da Copa do Mundo, quando torcedores, com os brasileiros à frente, utilizavam o refrão para ironizar os adversários desclassificados. Recentemente, ela foi cantada a todos pulmões durante uma manifestação de bancários por aumento salarial em Buenos Aires, na Argentina. Os funcionários, que fizeram uma paródia da canção, provocavam o governo de Mauricio Macri cantando: *"Somos bancários, queremos aumento, e Macri tchau, tchau, tchau."*

Afinal, qual é a história e a origem da canção?

Uma história de lutas que ainda ecoa nas ruas

Utilizar a música como palavra de ordem é uma tradição tão antiga quanto ela própria. Há polêmicas em torno das origens de "Bella ciao". Acredita-se que ela tenha surgido no final dos anos 1800 como canção de luta dos camponeses italianos.

Contudo, "Bella ciao" se tornou inseparável da luta de classes a partir dos protestos contra a Primeira Guerra Mundial, em 1914, e nos anos 1920, quando foi adotada pela Resistência Italiana contra o fascismo de Benito Mussolini. A canção foi retomada em inúmeras batalhas internacionalistas, como na Revolução Espanhola. Também foi o hino da *Resistenza* nas batalhas dos *partigiano* (guerrilheiros da resistência), dirigidas pelo Partido Comunista contra o nazismo e o fascismo na Segunda Guerra Mundial.

A letra italiana dessa época conta a história de um homem que diz adeus para a sua *bella* e vai lutar neste conflito: "Uma manhã eu me levantei/ Querida, adeus, querida, adeus, querida, adeus, adeus, adeus/ Uma manhã eu me levantei/ E eu encontrei o invasor/ (...) E se eu morrer como um membro da Resistência/ Querida, adeus, querida, adeus, querida adeus, adeus, adeus."

A canção ressurgiu de forma explosiva nas manifestações da juventude e dos trabalhadores nos rebeldes anos 1960. Aqui no Brasil, como em toda a América Latina, a repressão e a censura ditatoriais fizeram com que a música fosse proibida, o que só intensificou sua propagação entre a militância de esquerda. Uma versão teatral, montada em 1982, virou, por si só, um ato de protesto e, invariavelmente, noite após noite, o público inteiro se levantava, com punhos esquerdos erguidos, para entoar a canção junto com os personagens.

Mais recentemente, a música ecoou em gigantescas manifestações e processos revolucionários. Foi cantada nas praças e ruas durante a Primavera Árabe, embalou os gregos durante suas greves.

O papel do humor, em qualquer sociedade dividida entre pessoas exploradas e exploradores, oprimidos e opressores, é virar a sociedade pelo avesso, desmascarar as mentiras das classes dominantes ou, ainda, promover o destronamento da classe e da ideologia dominante, colocando em praça pública o confronto entre o mundo do mercado e a realidade daqueles que são oprimidos. Uma canção de luta de todos os oprimidos não pode e não deve ser utilizada para oprimir.

"Bella ciao" é o hino para aqueles que lutam para revolucionar o mundo, banir toda forma de opressão, racismo, machismo e homofobia. Que venham muitas versões que possam acalentar os nossos sonhos!

MINAS GERAIS

Unidade da Usiminas explode e deixa mais de 30 feridos

No dia 10 de agosto, uma explosão do gasômetro da Usiminas na cidade de Ipatinga (MG) deixou, segundo a própria empresa, mais de 30 trabalhadores feridos e provocou pânico na cidade mineira. A explosão foi sentida em diversos bairros da cidade do Vale do Aço. Prédios nos arredores chegaram a ter as janelas quebradas com o impacto da explosão.

Infelizmente, não foi o único acidente de trabalho na região durante a semana. No dia anterior, um operário já havia morrido na Usiminas enquanto fazia a manutenção num equipamento. No mesmo dia 10, outro operário morreu na cidade de Várzea de Palma, Norte de Minas. Ele trabalhava na siderúrgica Sada quando uma pedra de esmeril se soltou e o atingiu.

MORTES POR LUCROS

A busca desenfreada por lucro é responsável pelo alarmante número de acidentes e mortes. As empresas reduzem o número de trabalhadores, mas exigem uma quantidade de trabalho igual ou superior, fazendo o trabalhador acumular muitas funções. Além disso, há locais de trabalho inseguros que não são adequados para que o trabalhador cumpra sua função sem correr riscos.

"É um absurdo o que aconteceu em Ipatinga e no Norte de Minas. Para acabar com essa situação, precisamos atacar o lucro e a propriedade das grandes empresas", afirma Jordano, pré-candidato a governador de Minas pelo PSTU. Ele defende a reestatização da Usiminas sob controle dos trabalhadores para que sua produção atenda aos interesses da classe trabalhadora e do povo e não a busca desenfreada por lucros, colocando em risco a vida dos operários.

Ele também defende a redução da jornada de trabalho sem redução dos salários. *"Temos que botar na cadeia os acionistas e grandes proprietários que mutilam e matam trabalhadores"*, defende Jordano. *"Sem destruir o capitalismo, veremos mais trabalhadores e trabalhadoras morrendo nos chãos das fábricas"*, conclui.

URSAL

A história por trás do meme

Depois de denunciar, no debate presidencial da BAND, uma suposta conspiração em curso para criar uma tal de URSAL (União das Repúblicas Socialistas da América Latina), o candidato Cabo Daciolo foi ridicularizado na internet. E com razão. Muitos o consideraram ainda mais louco do que o ultrarreacionário Bolsonaro. Nos dias seguintes, muitas piadas foram feitas a respeito dessa teoria da conspiração. Um ursinho vermelho foi adotado como mascote e a música "América geral", interpretada pela Xuxa, foi apresentada como o hino da Pátria Grande.

Muito além dos memes de hoje, a proposta de Pátria Grande, ou seja, de uma grande nação latino-americana, foi apresentada pela primeira vez há quase 200 anos. Foi o general Simon Bolívar que defendeu essa integração durante as guerras de independência que as colônias espanholas travavam contra a metrópole. Ou cada província formava um Estado isolado, com governo próprio, ou criava-se uma Pátria Grande, unificando todas elas. Depois de libertar inúmeras nações do jugo espanhol, Bolívar foi traído por seus generais e preso. Seu sonho de uma única pátria soberana havia sido derrotado.

O sonho foi novamente acalentado nas lutas revolucionárias socialistas do século 20. A vitória da Revolução Cubana, em 1959, novamente colocou em pauta a criação de uma irmandade socialista de nações latino-americanas. Um de seus maiores defensores na época foi Che Guevara, que desejava exportar a revolução para todo o continente. Che foi derrotado, e não cabe aqui fazer um balanço dessa história. Mas o sonho de federação socialista de nações latino-americanas não é delírio nem alucinação. Alucinação é achar que os governos capitalistas da Bolívia, da Venezuela e do PT um dia desejaram realizar esse projeto.

URSAL

NO BRASIL

Metade das nossas crianças vive na pobreza

Ao mesmo tempo em que é uma das maiores economias do mundo, o Brasil possui mais da metade das crianças e adolescentes vivendo na pobreza. São 32 dos 53 milhões de brasileiros até 18 anos que vivem nessa situação, seis em cada dez crianças e adolescentes. É o que diz estudo da Unicef divulgado no dia 14 de agosto.

Além da renda mensal (R$ 346 por pessoa na cidade e R$ 269 na zona rural), o levantamento também conta o acesso a direitos básicos como educação, acesso à informação, água, saneamento, moradia e proteção contra o trabalho infantil. Desses 32 milhões de crianças e adolescentes na pobreza, 14 milhões não têm acesso a nenhum dos direitos básicos considerados na pesquisa. Mais de 20% das crianças e adolescentes brasileiros têm o seu direito à educação violado.

ELEIÇÕES 2018

Vera e Hertz denunciam vice de Bolsonaro no Ministério Público por racismo

ROBERTO AGUIAR
DE SALVADOR (BA)

Vera Lúcia, candidata à Presidência da República pelo PSTU, e Hertz Dias, candidato a vice, protocolaram, no dia 14, uma representação junto ao Centro de Apoio Operacional dos Direitos Humanos, da Saúde e da Proteção Social do Ministério Público do Rio Grande do Sul contra o General Mourão, pré-candidato a vice-presidente na chapa de Jair Bolsonaro (PSL), por crime de racismo.

Fundamentada nos artigos 5º da Constituição Federal e nos artigos 1º e 20º da Lei Federal no 7.716/1989, a representação requer a apuração de crime de racismo pelas palavras proferidas pelo General durante atividade em reunião na Câmara de Indústria e Comércio (CIC) no município de Caxias do Sul (RS): *"o brasileiro herdou a 'indolência' do índio e a 'malandragem' do negro".*

"Repudiamos a fala do General. Esse tipo de postura reforça o preconceito, o racismo e a injustiça contra os indígenas e o povo negro. Seu comentário demostra que, assim como Bolsonaro, Mourão não conhece a história do Brasil. Temos uma dívida histórica com os índios e com os negros escravizados. A fala do General é racista e demonstra preconceito étnico. Exigimos apuração e que sejam tomadas as providências cabíveis", afirma Vera.

Hertz destaca que o racismo mata. *"Chamar de malandro aqueles que foram escravizados durante 350 anos e que até hoje são os responsáveis pela produção da riqueza do Brasil é racismo, e racismo é crime. Reproduzir o discurso da indolência indígena é pactuar com o extermínio praticado pelos colonizadores europeus. Não podemos mais aceitar esse tipo de postura. Basta"*, disse.

FAÇA COMO ELE

Ator Pedro Cardoso pede atenção às candidaturas do PSTU

O ator Pedro Cardoso tem utilizado seu perfil no Instagram para pedir aos seus seguidores que prestem atenção às candidaturas do PSTU. Na primeira postagem, feita no dia 6 de agosto, o ator mostra, num vídeo, a imagem da professora Dayse Oliveira e pede que seus fãs conheçam o pensamento da candidata do PSTU ao governo do Rio de Janeiro.

Na descrição do vídeo, Pedro Cardoso escreveu: *"Ando muito interessado nos candidatos do PSTU. O que eles têm a dizer me interessa muito. A senhora Dayse de Oliveira para governadora do Rio me parece uma boa opção. Sugiro que deem uma olhada. E a candidata do PSTU à Presidência, a senhora Vera Lúcia, também conquistou minha atenção. A chapa do PSTU é liderada por uma mulher e tem um homem como vice. Só esse fato já me enche de vontade de que ela vença! Fica a sugestão."*

No dia 8, em nova postagem, o ator reafirmou a atenção que a candidatura da Vera lhe despertou. *"Tive conhecimento da candidatura da senhora Vera Lúcia, pelo PSTU; e interessei-me vivamente por ela."*

Em novo vídeo postado no dia 9, o ator, que interpretou o inesquecível taxista Agostinho Carrara, da série A Grande Família (TV Globo), disse que o interesse dele pelo PSTU está relacionado à defesa do partido em construir uma democracia diferente da atual. E completou: *"Eu penso que é preciso ter muito respeito por aquilo que não vivemos. As vozes que se levantam sob a bandeira do PSTU falam de um Brasil que eu só conheço de ouvir falar. Pois bem, desejo ouvi-las com a minha melhor atenção."*

O ator Pedro Cardoso, em um vídeo postado em uma rede social

Em postagem no dia 10, ele também questionou a ausência da Vera no debate da TV Bandeirantes. *"O debate de ontem de debate pouco teve, né? Foi pura publicidade de políticos tradicionais. E a democracia ainda sai fragilizada pela ausência dos candidatos do PSTU e do partido Novo entre outros. Bem, vai ser mesmo uma eleição com todos os defeitos das anteriores ou até pior"*, escreveu.

ATENDER AO CHAMADO

Siga o conselho de Pedro Cardoso e conheça as candidaturas do PSTU. A nossa campanha tem como tarefa organizar os de baixo para derrubar os de cima. O nosso programa apresenta uma saída revolucionária e socialista aos problemas mais sentidos pela classe trabalhadora e pelo povo pobre do Brasil.

Junte-se a nós! Façamos um chamado à rebelião. O Brasil precisa de uma revolução socialista.

AGENDA

De volta ao Sertão

Vera visita o sertão de Pernambuco, região onde nasceu e viveu parte da sua infância. A candidata vai se reunir com agricultores e operários rurais de Petrolina, cidade localizada às margens do Rio São Francisco.

Se ligue na agenda!

- **31/8:** Petrolina (PE)
- **5 a 7/9:** Florianópolis, (SC)
- **12/9:** Brasília (DF)
- **13 e 14/9:** São José dos Campos (SP)
- **15/9:** Campinas (SP)

Acompanhe a agenda, saiba das últimas notícias e assista aos vídeos na página da Vera no Facebook:

facebook.com/verapstu

Receba vídeos e materiais pelo WhatsApp. Mande mensagem para o número

(11) 94101 1917